

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ALUNOS PENTECOSTAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA EM SÃO GONÇALO

Alline de Assis Xavier Maia

Doutoranda do PPGHS-UERJ

alineuerj2003@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A conjuntura atual brasileira tem mostrado o quanto o segmento religioso dos evangélicos tem crescido em nossa sociedade, destacando-se nas áreas periféricas, embora o processo de conversão esteja espalhado por todos os setores sociais. Paralelo a esse fenômeno se faz notório o quanto este grupo demonstra resistências em nossas escolas, com ênfase para o estudo das religiões afro brasileiras, muitas vezes negligenciando o direito humano e constitucional dos demais atores sociais de liberdade religiosa.

Considerando este cenário, trago parte de reflexões de minha pesquisa de doutorado etnográfica que tem por objetivo compreender a recepção dos alunos da educação básica pública que se identificam como evangélicos aos conteúdos destinados ao ensino de História da África. O trabalho de campo foi realizado em duas escolas públicas da rede estadual de educação, localizadas numa mesma favela no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro.

A fim de compreender a relação entre o ensino de História e os alunos que se identificam como evangélicos¹, e ao que tudo indica tendem a criar resistências quanto a

¹ Na América Latina, o termo evangélico abrange as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc.). Grosso modo, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres. Ver: MARIANO, 2004

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

alguns assuntos abordados no ensino de História da África, com destaque para as religiões, empreendi observações de aulas, durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2019, além da realização de entrevistas com alunos e professores e grupos focais com os discentes de duas turmas de 7º ano do ensino fundamental e duas turmas de 1ª série do ensino médio nessas duas escolas.

Para melhor compreensão, dividirei esta escrita em duas partes: na primeira trarei alguns indícios de quem são os alunos evangélicos dessas escolas, trazendo suas perspectivas e visões de mundo. Na segunda parte enfatizarei o olhar desses alunos sobre alguns temas referentes ao ensino de História, que podem refletir o quanto a religiosidade está imersa na subjetividade dessa juventude.

1- Quem são os alunos evangélicos

Para compreender os aspectos gerais que tendem a causar estranhamento por parte dos alunos evangélicos ao ensino de História da África, é preciso primeiro entender quem são esses alunos e como a identidade religiosa está inserida na sua identidade e subjetividade de aluno(BAUMAN, 2005, p.27).

Primeiro, destaco que não podemos correr o risco de generalizar este segmento religioso uma vez que é bastante plural, sendo o termo evangélico uma espécie de “guarda-chuva”, sob o qual encontramos uma gama de denominações, que variam entre protestantes históricos e neopentecostais (MAFRA, 1999, p.14).

A fim de ter um panorama sobre esses estudantes, durante minha pesquisa apliquei aos alunos das respectivas turmas um questionário sócio-econômico, no qual pude detectar uma quantidade significativa de alunos que se definem como evangélicos pentecostais, com destaque relevante para a denominação da Assembleia de Deus em suas variáveis. Foi aplicado e respondido um total de 190 questionários. Deste universo, 150 discentes assumiram ser evangélicos.

Este ponto é crucial na medida em que podemos definir com mais clareza o grupo, já que no geral tendem a enfatizar a crença no milagre, na glossolalia, na possessão, na existência dos orixás, na utilização da Bíblia em sua versão quase fundamentalista e na batalha espiritual.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1.1 A batalha espiritual é uma constata e a Bíblia é a arma para guerrear

A partir das respostas dos questionários, nos quais não era obrigatória a identificação, passei para a segunda etapa: sondar e selecionar aqueles que gostariam de participar das entrevistas e do grupo focal.

Ao longo das entrevistas semi estruturadas realizadas, procurei compreender o que era a batalha espiritual para esses discentes, uma vez que ao que tudo indica estar em constata batalha propicia à esses jovens a necessidade de “rejeitar” alguns conteúdos escolares por enfraquecê-los devido a crença de enfraquecimento espiritual. E que seus líderes religiosos tendem a incentivar a vigília diária a fim de evitarem cair nas artimanhas de satanás.

Para tanto, a leitura literal de alguns trechos bíblicos são acionados pelas lideranças, e repetidas como uma espécie de mantra por parte expressiva desses jovens evangélicos na tentativa de justificarem o estado de alerta diário. Pude detectar através de suas respostas que vivem um conflito, tal como Vital Da Cunha (20015, p.135) mencionou, embate constante em suas vidas entre o bem e o mal e que, estas batalhas estão sendo travadas em todos os aspectos de suas vidas inclusive na escola.

Enfatizaram a importância que a identidade evangélica tem em suas vidas, uma vez que ela pode funcionar como um aspecto positivo, tanto dentro da favela na qual residem quanto no atravessamento das cidades, uma vez que seus endereços de residência e a cor de pele tendem a gerar preconceito por uma parcela de nossa sociedade. Sobre essa condição, o seguinte trecho, mencionado durante encontro de grupo focal, por um aluno de 16 anos, matriculado na 1ª série do Ensino Médio, pode esclarecer melhor:

“(…) Antes, quando eu ia dar rolê em Charitas, todo esculhambado, de Kener e bermuda caída, os playboizinhos até atravessavam a rua, achando que eu ia meter eles. Só que eu tava indo só fumar maconha na brisa do mar. Claro que se dessem muito mole, eu e Igor metia mesmo. Mas agora é muito diferente. Nós vamos lá levar a palavra. Vai maior bondão no 48, no ônibus mesmo já vamos ligado no senhor. Nós leva violão, o pastor leva um lanche na moral, refresco à vontade e fazemos um luau. Geral passa, cumprimenta. Fala que é muito lindo nosso trabalho. Eles se amarram na Cris cantando. Ela esculacha mesmo.” (aluno João, 16 anos)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O trecho acima citado nos dá pistas de quanto o acionamento dessa identidade e pode funcionar como um elemento diferenciador que esses jovens acionam na tentativa de fugir do estereótipo muito em voga no senso comum de que por ser um favelado logo é um bandido. Realizando eventos religiosos para além dos limites da favela esses jovens buscam mostrar a nossa sociedade que possuem um valor, apesar das dificuldades que lhes são impostas cotidianamente.

Na configuração dessa figura diferenciada de jovem favelado, contudo evangélico, que no senso comum pode significar não ser um bandido, a utilização e o acionamento da Bíblia, livro sagrado para este grupo religioso, mostrou-se fundamental. Segundo as palavras dos próprios entrevistados, este livro possui uma dupla função: defesa e ataque. Para combater o “inimigo” ela funciona como uma espécie de espada que corta o mal. Para a defesa ela é acionada como um escudo. Tanto de uma maneira como de outra, ela está presente na vida desse jovem.

Sua presença na periferia não é limitada ao âmbito da residência ou dos templos. Ela está presente no comércio da favela, nas vielas, através de versículos escritos nas fachadas, nas embalagens, nas camisas, nas faixas, no carro de som que faz propaganda, ela também se propaga. Sobre isso, o depoimento de Taís, estudante de 17 anos, matriculada na 1ª série do Ensino Médio, evidencia essa questão:

“ A Bíblia diz que o diabo pode vir com sapatinho de lã, fingindo ser uma coisa boa(..) mas não é. Por isso que o crente deve estar ligado no Senhor, prestando atenção em tudo... Às vezes você tá ali achando que não é nada demais e pode estar desagradando o Senhor. Então o servo tem que estar sempre ligado. Como o pastor falou, ele se disfarça e usa as pessoas em todos os lugares, no trabalho, na escola, pra tentar tirar a gente da graça.”(aluna Taís, 17 anos)

Assim, podemos perceber o quanto o livro é visto de maneira sagrada pelos jovens e o quanto ele é importante na batalha espiritual que vivenciam cotidianamente. Nesse sentido, o livro e sua leitura literal podem aparecer nas aulas, uma vez que ele norteia o universo que forma e informa estes alunos.

2 Quando a aula de História entra em conflito com a identidade religiosa: questionando a ciência

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A Bíblia é parte componente da indumentária do evangélico. Impressa em diferentes modelos, visando agradar todos os públicos, jovens, mulheres, crianças ou ainda em versão para o *smartphone*, este livro apareceu em diversos momentos durante o trabalho de campo, sendo mobilizado tanto para contestar o que se “ensinava em sala de aula”, como veremos em outro capítulo, quanto para afirmar-se enquanto evangélico que carrega este escudo para todos os lugares.

A presença do livro, tão constante na favela, vai entrar na escola. Se não fisicamente, ao menos como referência e comparação ao que está sendo ensinado, ainda que de maneira não explícita.

Buscando compreender o quanto o livro religioso tinha validade para esses alunos, passei a questionar a validade de outros livros, e parti do livro didático de História para essa busca, uma vez que a Bíblia era sempre referenciada e que tinham acesso ao livro didático. Levei a questão para o encontro focal. Pedi para que me falassem o valor dos mesmos em suas vidas.

Os alunos participantes do grupo focal tanto do ensino médio quanto do fundamental deixaram claro que fazem o estudo semanal, através da Escola Bíblica Dominical, considerando esta importante na aquisição de sabedoria para lidar com as dificuldades diárias assim como importante na Batalha Espiritual uma vez que, segundo relato de Lucas do Ensino Médio, “quanto mais conhecem a palavra, mais fortes se tornam”.

Sobre a importância de frequentar a escola bíblica dominical, o aluno Gabriel de 13 anos, estudante do 7º ano da escola B, esclareceu durante o grupo focal:

“(…) Aqui na escola até que sou um pouco burro (risos) mas na escola dominical sou esperto. Pego rapidinho. Sou o primeiro a acabar o dever. Também não tem matemática (risos). Todo domingo eu tô lá. Fico bolado quando atraso porque o pastor dá um chamado lá do púlpito. Maior vergonha.(risos) Mas nas histórias da Bíblia, pode perguntar o que quiser, de Sansão, de Davi, de Samuel (...) sei tudinho de cor. Ganhei até medalha do pastor. Quando tem gincana, geral quer ser do meu grupo porque sei muita Bíblia. Pode perguntar a Tico, sou sinistro(risos)” (aluno Gabriel, 13 anos)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O livro didático de História, embora respeitado, não tinha um valor estimável uma vez, que escrito por mãos humanas, estava sujeito a questionamentos constantes. Já a Bíblia, tinha inestimável valor, uma vez que na concepção dos alunos envolvidos na pesquisa fora escrita a partir de inspiração divina, logo inquestionável.

Também partindo de preceitos ditos bíblicos, ensinados pelos líderes religiosos, o aluno João, já mencionado em trecho anterior, esclareceu porque o verdadeiro evangélico não poderia aceitar aulas que ensinassem sobre religiões afro-brasileiras: argumentou que se aceitassem ou se interessassem pelo assunto estariam rompendo com a Bíblia. Breno argumentou que o livro em vários trechos condena a idolatria, a feitiçaria. Assim evidenciou:

“ Com todo respeito, que essa professora tem, ela ficar falando dessas coisas de macumba ... eu não aceito. Porque isso é o diabo usando ela para tentar ganhar a gente, entrar na nossa vida. Então, vigia irmão...”

Ainda no encontro do grupo focal o aluno João da 1ª série do ensino médio, da escola B, argumentou que a “ciência” pode fazer uma afirmação hoje e futuramente desfazer essa afirmação. No seguinte trecho, isso se evidencia:

“Na pregação o pastor já falou isso... que os médicos cada hora dizem uma coisa sobre o ovo. Um mês faz mal outro não faz. Quer dizer, não tem certeza de nada. Já a Bíblia ela é aquilo ali e não muda pode passar o tempo que passar.”

A afirmação desse aluno pode nos dar pistas sobre o como a ciência pode ser vista como mais uma incerteza dentro de um universo tão incerto quanto desses jovens, que além dos questionamentos sobre os anseios da vida, tão comum a juventude, tem mais um conjunto de incertezas sobre suas vidas: vivenciarão mais um tiroteio, mais um amigo receberá uma “bala perdida”, seus familiares terão atendimento médico, sua mãe conseguirá uma faxina, seu pai chegará bêbado, entre tantas outras.

Ao que tudo indica a religião evangélica, funciona como um elemento de certeza dentro desse universo incerto e para isso a Bíblia é fundamental.

3 Quando os “orixás” estão na aula

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Conforme vimos, a identidade evangélica, no geral reconhecida tanto pelo atravessamento da batalha espiritual quanto pela mobilização da Bíblia é considerada um diferencial social para esses estudantes. Agora, mais especificamente tratarei do estudo de religiões afro brasileiras nas aulas de História. Para tanto trarei uma aula específica, devido o limite de um artigo.

Em novembro de 2019 com a aproximação da comemoração da “Consciência Negra”, momento no qual já é sabido por outras pesquisas que, professores de História tendem a tratar o tema afro-brasileiro por conta da lei 10.639/03, a professora Carolina, 45 anos, regente há 15 anos na rede pública, nas aulas de História, de uma turma de 7º ano da escola A, trouxe uma proposta de trabalho para a referida turma: a confecção de um cartaz sobre os Orixás.

Por apostar na subjetividade dos docentes (MONTEIRO, 2013, p.34) e entender que não são meros reprodutores do currículo escolar, pedi para que a docente me explicasse sobre sua escolha. Em depoimento, a professora mencionou que seria importante que os alunos conhecessem um pouco das religiões afro brasileiras, uma vez que através desse esclarecimento os alunos, em especial os evangélicos poderiam respeitar as religiões de matrizes africanas, que ainda de acordo com a docente, as mesmas sofriam muito preconceito em nossa sociedade conforme mostrado pela mídia.

Aliando o tema do trabalho ao currículo mínimo, oferecido pelo estado do Rio de Janeiro, segundo o qual estaria trabalhando a sociedade colonial, incluindo a escravidão, a professora Carolina apostou neste trabalho como mais um recurso de tentar formar “cidadãos críticos”.

Elaborada a proposta, a docente apresentou a proposta aos alunos, que incluía também a recuperação das notas, já que o último bimestre se aproximava ao fim. Contudo, durante a fala da professora, a controvérsia com os alunos já se implantava. Enquanto explicava, sentada ao fundo da sala, pude perceber os olhares, algumas risadas e comentários de alunos que não se mostravam satisfeitos com a situação.

As conversas paralelas atrapalhavam a explicação da professora, que estava sempre solicitando silêncio e atenção. A situação perdurou até que o aluno Thiago,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

considerado o mais ousado da classe, interrompeu a fala da professora: “ Qual foi professora, nós vai ter aula de macumba? Tá amarrado!(risos)”

A professora tentava mais uma vez explicar o objetivo do trabalho, mas era em vão, os alunos estavam dispersos, riam, falavam de outros assuntos. Poucos a ouviam. Percebi que a aluna Érica estava irritada com a situação, mas não expressava em tom alto, apenas cochichava com a amiga que estava sentada ao seu lado.

Após o término da aula, resolvi indagar a aluna sobre sua opinião acerca da proposta de trabalho trazida pela professora. A aluna em conversa informal no corredor mencionou que particularmente não gostava disso, era evangélica e que seria um “pecado” ficar conhecendo essas coisas diabólicas. Como evangélica, não aceitaria a idolatria que a professora estava propondo.

Encerrou a conversa dizendo que já tinha pontos suficientes para passar na disciplina e, portanto, não faria a tarefa. Não iria bater boca com a docente, pois poderia continuar sendo sua professora no ano seguinte e tinha medo de possíveis perseguições, e ficou claro que a saída encontrada seria faltar às aulas e não realizar a tarefa.

Na semana seguinte a aluna não compareceu. No dia da entrega do trabalho, ela estava na sala de aula, pois haveria um teste. Manteve-se quieta e não entregou a tarefa. Apenas dois grupos entregaram o trabalho realizado em cartolina.

Antes da aplicação da avaliação, a docente frisou novamente a importância da entrega para a recuperação de notas. Era uma terça-feira. Disse que aceitaria a entrega até na sexta-feira, mesmo não lecionando aula para aquela turma específica, estaria na escola, podendo receber a tarefa.

Na semana seguinte, a professora confidenciou a mim que a entrega foi baixa, mas que ela, enquanto docente de História não poderia deixar de tratar a temática que em sua concepção, esse tema era fundamental na constituição de um cidadão crítico.

A situação descrita tem ocorrido com frequência em nossas escolas. A mesma nos mostra o quanto à identidade religiosa está imersa na subjetividade desse aluno, que tende a rejeitar a aprendizagem sobre as religiões afro-brasileiras, fator que não ocorre em relação ao estudo de outras religiões. É inegável o preconceito enraizado em nossa sociedade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Contudo, ouvir o que esses alunos têm a dizer sobre o tema, o que pensam, como vêem a situação pode contribuir para que melhores estratégias de ensino possam ser construídas.

A situação que trouxe é um exemplo dentro de tantos outros que tem ocorrido de negação nas aulas de História, que também reflete o momento “negacionista” de parcela de nossa sociedade. Em entrevistas com os professores outros temas também foram citados como causadores de debates nas aulas. São vistos como causadores de polêmica pelos docentes da disciplina de História como o feminismo ou o comunismo por exemplo.

Essa rejeição pode refletir o quanto os líderes religiosos têm obtido mais sucesso em suas narrativas do que professores, na contemporaneidade. Talvez, isso possa ser explicado pelo conforto que uma religião possa trazer para esses indivíduos em meio ao cenário caótico que a vida na favela possa lhes impor. Neste contexto, a escola e o sentido das aulas têm estado cada vez mais afastados ou “sem sentido” para esses alunos que não vêem a escola como um caminho promissor em seu horizonte de expectativas.

Considerações

A História do tempo presente tem nos mostrado o quão frágil ainda é nossa democracia. Principalmente quanto ao fato dos diversos sujeitos não se sentirem representados. A última eleição presidencial nos mostrou o quanto o segmento religioso evangélico quer “falar”.

Dentro desse contexto, acredito que este trabalho pode contribuir para que outros olhares sejam lançados sobre os estudantes evangélicos, e que a nossa “militância” em formar cidadãos críticos e conscientes tem de ser reflexiva quanto às novas urgências desses sujeitos que estão nas nossas escolas e que querem ter voz. Assim, acredito que outras estratégias didáticas possam ser pensadas a partir do aqui exposto.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências

- BAHIA, Joana. A “lei da vida”: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.27, n.1, p. 69-82, jan./jun. 2001
- BAUMAN, Z. a Benedetto *Identidade: entrevista Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- BIRMAN, Patrícia. “Cruzadas pela paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro”. *Religião e Sociedade*, 32 (1), 2012.
- BURITY, Joanildo. “Cidadãos, consumidores, militantes e fiéis: pertencimento e democracia”. Relatório de pesquisa. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, mimeo, 2000.
- CASSAB, Maria Aparecida Tardim. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói, Intertexto, 2001.
- DIP, Andrea. *Em nome de quem? Bancada evangélica e seu projeto de poder*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2018.
- LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Rev. bras. Hist.* [online]. 1999, vol.19, n.38
- MAFRA, Clara Cristina. *Na Posse da Palavra: Religião, Conversão e Liberdade Pessoal em Dois Contextos Nacionais*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS/MN/ UFRJ, 1999.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999
- MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Maua Editora, 2010.
- MONTEIRO, Ana Maria. Formação de professores: entre demandas e projetos. *Revista História Hoje*, São Paulo: Anpuh, v.2, n.3, p.19-42, 2013.
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.) *O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisa e ensino*. Natal: Ed. UFRN, 2007
- RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.) *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: Ed. UFPR, 2011

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VITAL DA CUNHA, Christina. *Oração de Traficante: uma etnografia*. Ed: Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.